

SÃO JOAQUIM DA BARRA - SP

PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL, ARQUEOLÓGICO E AMBIENTAL

Sumário

SÃO JOAQUIM DA BARRA: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA E
DE SEU PATRIMÔNIO CULTURAL

04

VOCÊ SABE O QUE É PATRIMÔNIO?

10

CONHECENDO ALGUNS PATRIMÔNIOS CULTURAIS DO
MUNICÍPIO DE SÃO JOAQUIM DA BARRA

11

A ARQUEOLOGIA

16

JOGOS

19

BIBLIOGRAFIA

21

EXECUÇÃO

FUNDAÇÃO ARAPORÃ

CNPJ nº: 00.149.261/0001-78

www.fundacaoarapora.org.br

Av. Antônio Alves de Araújo, 820, Parque Igaçaba

Araraquara - SP - CEP: 14.804-394.

Tel.: (16) 997026645

Contato: fundacaoarapora@yahoo.com.br

Coordenação

Dr. Robson Rodrigues - Arqueólogo Responsável

Tel.: (16) 3335.8393 / 99786.5889

E-mail: robson_arqueo@yahoo.com.br

Corpo Técnico

Dra. Dulcelaine Nishikawa - Socióloga e Educadora -

dulcelainelopes@gmail.com

Dra. Ângela C. Ribeiro Caires- Socióloga e Educadora

Dr. Rogério Pereira de Campos- Sociólogo e Educador

(designer gráfico)



EMPREENDEDOR

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO JOAQUIM DA BARRA

CNPJ: 59.851.543/0001-65

Praça Prof. Ivo Vannuchi, s/n

São Joaquim da Barra - SP - CEP: 14.600-000

Tel. (16) 3810 - 9000

E-mail: engenharia@saojoaquimdabarra.sp.gov.br

Responsável: Éder Agnelo Tavares

APOIO INSTITUCIONAL

Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara (MAPA)

Pç. Pedro de Toledo, s/n, Centro. Araraquara (SP) - CEP: 14.801-348

Tel. (16) 3322.4887.

Responsável: Virgínia C. Fratucci de Gobbi



O material desenvolvido tem por objetivo proporcionar a divulgação de patrimônios históricos e culturais de São Joaquim da Barra, SP. Está previsto como parte do Projeto Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na Área do Loteamento de uso industrial ‘Distrito Industrial’, no Município

de São Joaquim da Barra, Estado de São Paulo, tendo em vista realizar uma avaliação do terreno e definir se existe alguma evidência da presença de patrimônio arqueológico, bem como se este será impactado pelo empreendimento. A produção busca atender a exigência legal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, a partir da Instrução Normativa/IPHAN 001/2015, bem como está de acordo com as exigências da legislação ambiental. Com o programa de divulgação dos bens culturais o que se busca é proporcionar aos munícipes o conhecimento e reconhecimento dos patrimônios históricos e culturais existentes no município. A prática de divulgação dos patrimônios históricos e culturais contribui para a construção cidadã e permite o livre acesso da população aos diversos contextos de produção cultural e ambiental existentes no local. É importante ressaltar que a legislação brasileira vigente, Resolução CONAMA N° 001 de 23.01.1986, determina que os empreendimentos de qualquer natureza desenvolvam estudos de impacto ambiental.

Essas informações, importantes como parte introdutória do nosso trabalho e nas quais estes se baseiam, podem ter suscitado o seguinte questionamento. No que a implantação de um empreendimento tem a ver com o patrimônio histórico e cultural local?

Respondendo a esta pergunta esclarecemos que a preservação do Patrimônio Cultural deve ser entendida como uma ação que valoriza a história da vida de todos os povos. Sendo uma exigência legal, este patrimônio deve ser estudado para que seja garantida a sua salvaguarda, pois se compreende que a cultura de um povo é um bem universal e que precisa ser valorizada para garantir a construção da identidade da sociedade como um todo.

Pela legislação brasileira, o Estado, o Município e a União precisam salvaguardar nossos bens culturais de qualquer possibilidade de destruição. No entanto, entendemos que precisamos ir além da exigência legal, pois a sociedade deve se apropriar do Patrimônio Cultural do seu município, só assim, reconhecerá sua importância, criando uma identidade e, conseqüentemente, a valorização e a preservação desse bem patrimonial. Dentre os diferentes patrimônios culturais, de modo especial, abordaremos o patrimônio histórico, cultural e ambiental, com destaque para o arqueológico.



SÃO JOAQUIM DA BARRA: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA E DE SEU PATRIMÔNIO CULTURAL

A região de São Joaquim da Barra, para além da longa história da formação de seu município e movimentos colonialistas portugueses a partir do século XVI, possui uma história conectada entre diferentes culturas e etnias que por ali habitaram, transitaram e deixaram sua marca no território. Com o intuito de compreender o passado de São Joaquim da Barra, foi feito levantamento de dados documentais dos arquivos históricos do Estado de São Paulo e também do Arquivo Nacional no Rio de Janeiro, incluindo mapas, relatos de exploração e documentos oficiais. Foram desenvolvidos também estudos que chamamos de etnográficos. Nesses estudos pode-se entender como se deu a exploração dos portugueses sobre as etnias e culturas que habitaram a região de São Joaquim da Barra.

Para os portugueses que chegavam nesse território pouco conhecido e explorado, não havia uma definição clara sobre características geográficas, hidrográficas e ambientais, gerando a classificação genérica usada para territórios pouco explorados naquele momento, o termo Sertão. Além disso, o conceito de Sertão utilizado no período colonial permitia maior flexibilidade política na administração de Portugal, por não definir espaço limitador, o que traz diversas mudanças nos mapas da época de acordo com os interesses da coroa portuguesa. Nas últimas décadas, em um processo de revisão histórica, diversos autores buscam novos elementos sociais, arqueológicos e culturais para redefinir o processo de formação da Capitania de São Paulo.

A região em questão, que ficava além do já previamente explorado Sertões de Aracoara ou Araraquara, denotando os aspectos motivacionais e locais e com o objetivo definido de conexão com o recente território desbravado dos Goiaes, que margeava o Rio Pardo, fora denominada de Sertão do Rio Pardo no Caminho dos Goiaes.



Figura 1: Mapa do século XVIII da província de São Paulo (detalhe da região entre os rios Sapucaí e Pardo, localização da atual cidade de São Joaquim da Barra).

Fonte: Museu Nacional do Rio de Janeiro, arquivos históricos digitalizados. 2020.

As fronteiras e áreas de influência se alteram com o passar do tempo e definição de novas capitânicas, como de Goiás e de Mato Grosso, que reduzirá em menos da metade área que a Capitania de São Paulo possuiu em seu período de maior expansão.

Em definição política, a cidade de São Joaquim da Barra fica localizada na Região Administrativa de Franca e sob a influência da macrorregião econômica de Ribeirão Preto. Está localizada na região Norte do estado de São Paulo e foi consolidada como Vila em 1902, constituída por ondas migratórias vindas da região sul das Minas Gerais que se assentaram ao longo dos diversos córregos presentes no local, como pode ser notado no mapa acima.

Os assentamentos em regiões com acesso a água eram os mais comuns, tanto pelos colonizadores como pelos nativos, e a região em destaque acima deixa claro o acesso simples ao recurso por meio de diversos rios e córregos. No período do mapa (Figura 1), por volta de 1770, deve-se notar que na região existia apenas a Vila de Franca, todo o restante são pequenos assentamentos e povoados do período.

O Rio Pardo é um afluente perene do Rio Grande e possui uma longa extensão (573 km), propiciando um cenário favorável à navegação e à pesca. Sua nascente se encontra em Ipuiúna, município da região Sul de Minas Gerais e passa pela região Norte de São Paulo, com um curso interno (indo em direção ao continente) possui grande volume de água com corredeiras e saltos, porém possibilitando a navegação na sua maior extensão. Como são trechos combinados, ou seja, parte do trajeto era realizada utilizando os rios da região e outra parte se dava através das trilhas em um modelo de transição modal pouco comum no período colonial.

O Rio Sapucaí, outro delimitador da área de São Joaquim da Barra e formador da zona mesopotâmica propícia para agricultura, tal como pode ser observado no mapa do século XVIII, não possui mais seu curso devido à construção da Hidrelétrica de Furnas, tendo se tornado parte da área inundada do lago que alimenta a Hidrelétrica. (Originalmente, com 348 km de extensão, o Rio Sapucaí também desaguava no Rio Grande) e era outro rio navegável utilizado para exploração dos sertões de dentro.

Ambos os rios foram caminhos de Entradas e Bandeiras que transitavam pelo caminho em direção a Goiás e Mato Grosso, mas também foram criadas áreas de descanso e reabastecimento ao longo de seus cursos, o que coloca em contato direto os bandeirantes em busca de escravos indígenas e riquezas minerais com as diversas etnias que habitavam a região de São Joaquim da Barra. Parte do desaparecimento dos Kayapó Meridionais desse local podem ter influência desse contato, seja pelo aprisionamento dos nativos ou fuga dos mesmos com o contato com exploradores.



Figura 2: Mapa do Estado de São Paulo, com destaque para o município de São Joaquim da Barra.
Fonte: Prefeitura Municipal de São Joaquim da Barra. 2020.

O breve histórico até aqui apresentado, que trata um pouco da questão territorial e que nos traz fortes indicativos da presença indígena na região é corroborado por Lúcio de Oliveira Falleiros, pesquisador, estudioso da história de São Joaquim da Barra e cronista, que em uma de suas crônicas sobre o município registra que,

Antes de 1700, por certo, nenhum habitante branco morou por aqui, por essas terras e, muito menos nome para elas havia. Nosso atual município era um simples pedaço de terra roxa, de terra extremamente fértil, inserido no Sertão de Goiás, que desde 1769 pertencia ao longínquo povoado de Mogi Mirim, município da comarca de Itu. Era uma terra roxa e fértil a espera de colonizadores (FALLEIROS, 2020 p. 1).

Esta afirmação é um indicativo da presença de populações indígenas, que habitaram a região antes da mesma ser ocupada pelo chamado “homem branco”. Voltando para o ano de 1722, faz menção a Bartolomeu Bueno da Silva e seu filho, conhecidos como Anhanguera, que percorriam o caminho do “Sertão de Goyazes”, passando pelo Sertão do Rio Pardo e incentivando o apossamento de suas terras. Por essa estrada, que partia em direção ao planalto central de Goiás, iam à busca de índios para serem aprisionados e vendidos como escravos, e também em busca de metais preciosos. Assim, foram deixando pelo caminho grupos populacionais esparsos, chamados pousos.

Compreender, portanto, o processo de ocupação das terras que hoje compõem o município de São Joaquim da Barra implica em lançar um olhar para o tempo pretérito e recuperar acontecimentos que marcaram as primeiras décadas do século XVIII e início do século XIX, quando acontece o movimento de migração de mineiros, que com o declínio da economia mineradora no sul da província de Minas Gerais se dirigem para os Sertões do Rio Pardo, tornando-se os primeiros moradores do lugar e principais responsáveis pela criação de vilas e freguesias na região.

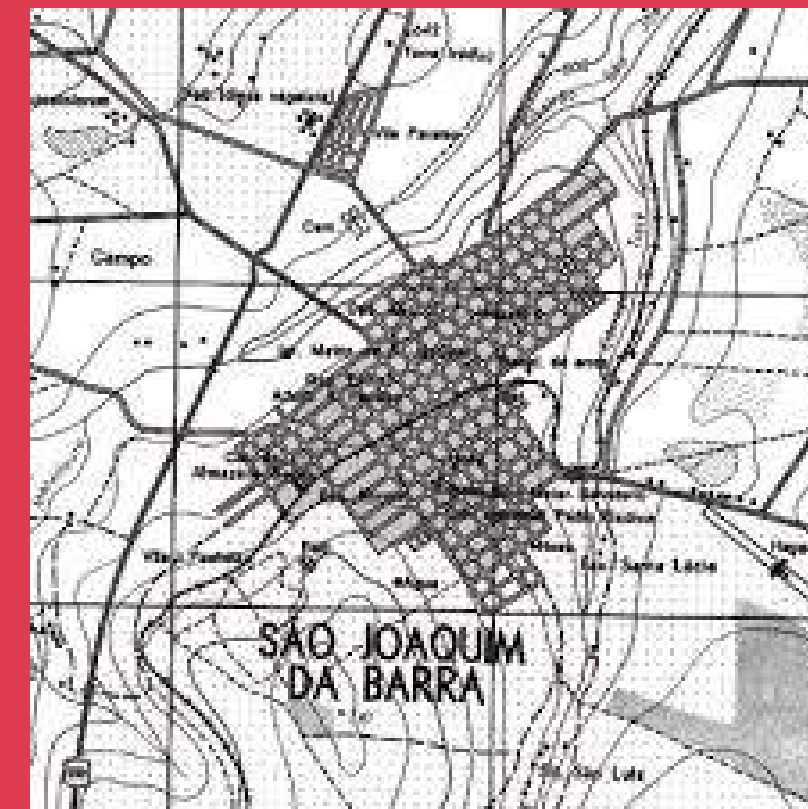


Figura 3: Mapa geográfico do município de São Joaquim da Barra.
Fonte: Prefeitura Municipal de São Joaquim da Barra. 2020.

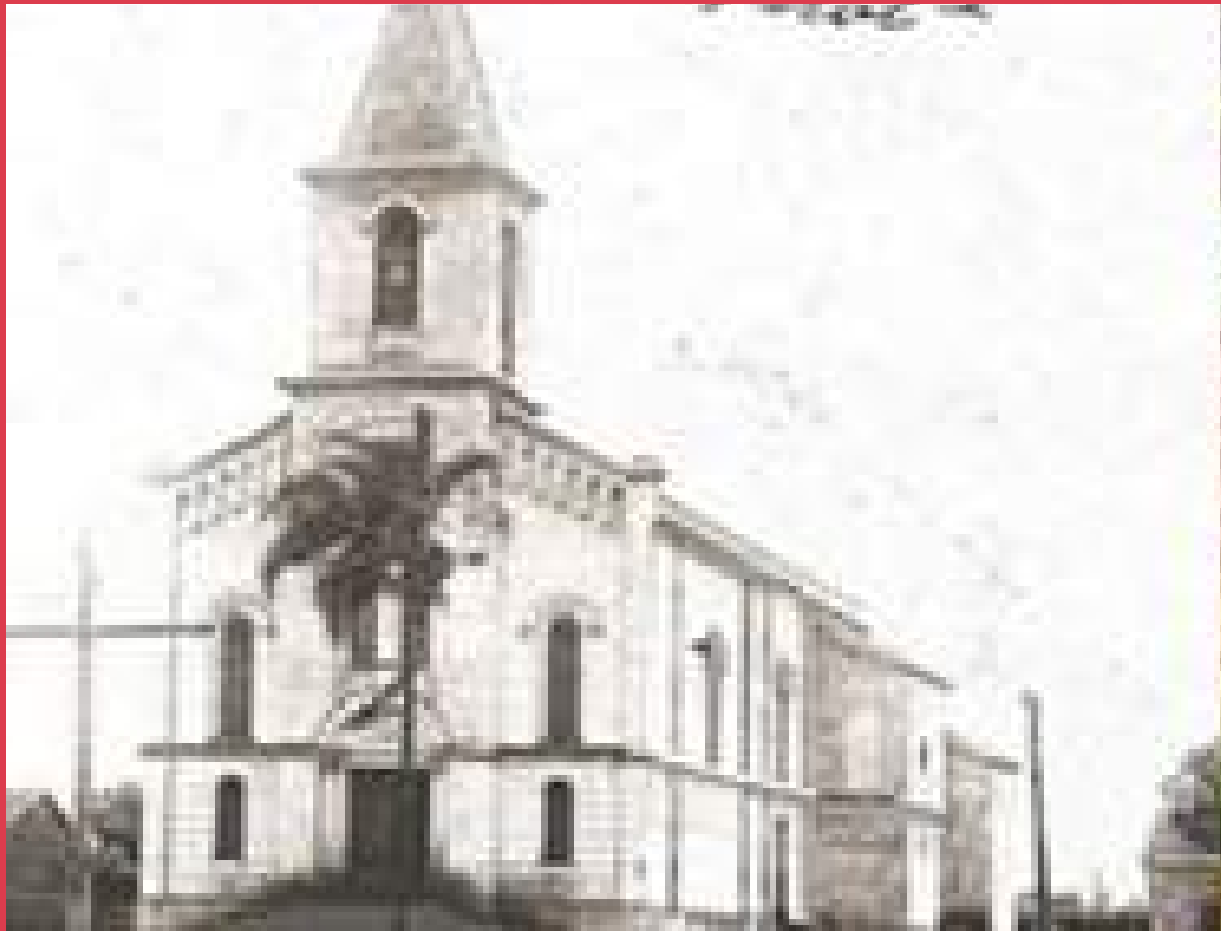


Figura 5: Foto da matriz em São Joaquim da Barra, 1925.
Fonte: Arquivo pessoal Lucio Falleiros, 2016.

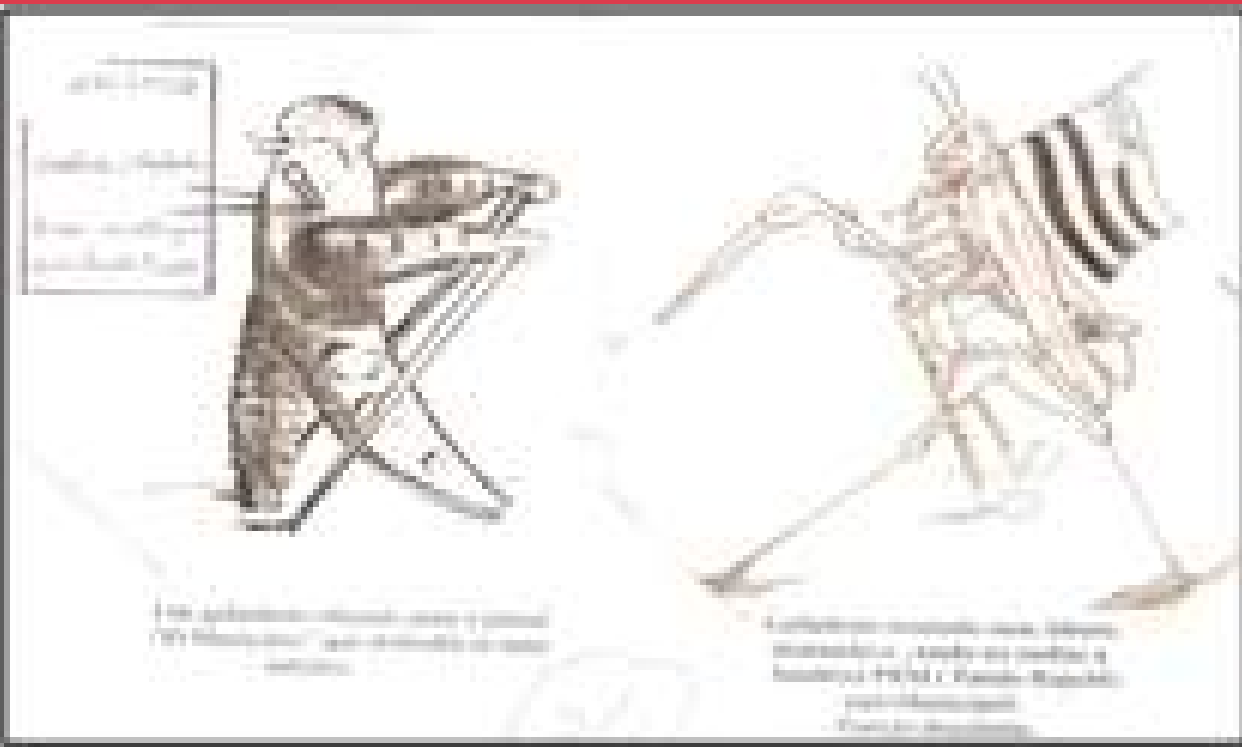


Figura 6: Sede da Fazenda Invernada, São Joaquim da Barra/SP.
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/853221091877374670/>

A primeira capela, construída por volta de 1900, durou poucos meses, pois edificada com materiais de qualidade duvidosa, não resistiu a uma forte chuva e ruiu. A segunda capela foi inaugurada em 15 de agosto de 1904, na festa do padroeiro São Joaquim, e sua construção se tornou possível graças a criação de uma comissão para arrecadar donativos, que recebeu muitas doações, dentre as quais se destacou a do Coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira (PICCINATO JR., 2012, p. 306). E foi assim que o antigo povoado de São Joaquim, que inclusive teve outras denominações anteriores (Jussara, São Joaquim de Nuporanga, São Joaquim do Açaí, Capão do Meio (FALLEIROS, 2020)) inicia sua trajetória para, mais tarde, ser designada cidade. Em dezembro de 1902 foi reconhecido como Distrito de Paz do município de Nuporanga. Em 1917, no mês de dezembro, foi elevado à categoria de cidade, e teve seu nome alterado para São Joaquim da Barra, em novembro de 1944.

De acordo com informações históricas, o município de São Joaquim da Barra teve origem a partir das terras de seis fazendas: Fazenda São Joaquim, Fazenda São Pedro, Fazenda Santo Antônio, Fazenda Invernada e Fazenda Santo Inácio (PICCINATO JR, 2012, p.303-304).

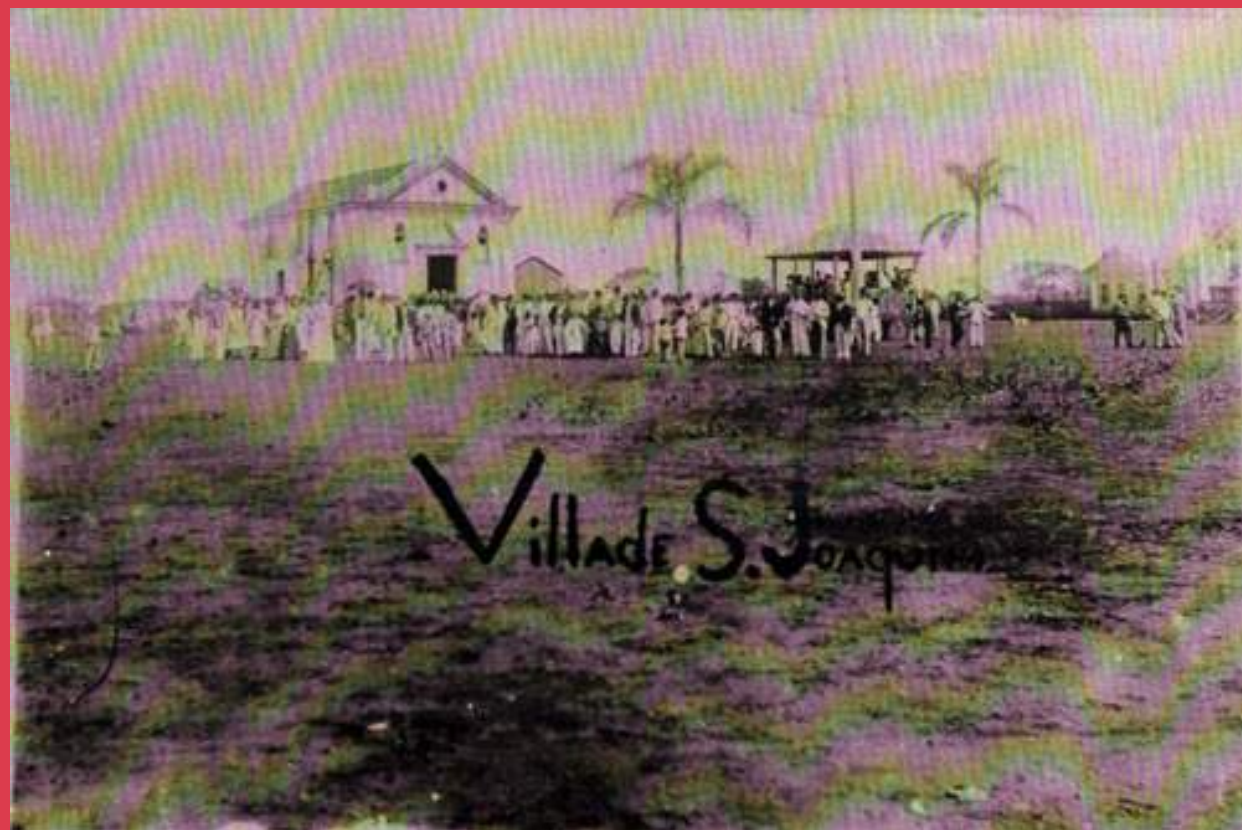
O modelo de criação de cidades a partir de patrimônios religiosos era comum nesse período histórico. Assim normalmente se construía uma capela ou igreja e no seu entorno da praça. Em São Joaquim da Barra isso se dá a partir da edificação da primeira capela, hoje igreja Matriz de São Joaquim, padroeiro da cidade, em torno da qual foi construída a Praça 7 de setembro, espaço que serviu e até hoje serve de palco para a realização de importantes eventos culturais e políticos e onde parte importante de vida social e política da cidade se desenvolveu e se desenvolve. A Praça 7 de setembro, cercada por importantes edificações (casas de moradias de famílias tradicionais e estabelecimentos comerciais como farmácias, armazéns, bancos) é assinalada como o ponto de partida da área urbana da cidade, a partir de onde outros equipamentos passaram a ser construídos.



Além da paisagem urbana que se desenvolvia em torno da igreja e da Praça 7 de setembro, os interesses dos fazendeiros levaram ao município a formação de grandes fazendas cafeeiras, algumas delas ainda existentes, e que apesar de atualmente abrigarem outras modalidades de agricultura, como a cana-de-açúcar, por exemplo, conservam, ainda, importante patrimônio do período cafeeiro (máquinas e edificações) que constituem verdadeiros patrimônios materiais e históricos do município.

São Joaquim da Barra, portanto, é um município que reúne fatos e acontecimentos que marcaram a memória de sua gente. Aspectos relevantes dessa história e memória estão registrados em obras de historiadores e memorialistas que fazem referência a aspectos do cotidiano da cidade em tempos anteriores, a personagens ilustres e populares e aspectos de seu desenvolvimento. Considerados um dos primeiros entrantes, a família Junqueira, ligada às posses iniciais na região, formou um verdadeiro império de terras. Esta família, com forte participação no poder econômico e político do município, tem sua história marcada por disputas políticas entre seus membros, sendo a mais emblemática e memorável a ocorrida a partir de 1918 que a dividiu em dois grupos: os gafanhotos (adeptos do coronel Orlando Junqueira) e os jaburus (adeptos de Magino, Antônio Olyntho, Marico e os Forbes Junqueira).

Figura 7: Charge Publicada no Jornal “A Tribuna” em 1918 Fonte: <http://www.cronicassaojoaquimdabarra.com.br/index.php?pagina=mostra-cronicas&id=7#content>



Estes são alguns elementos da história do território que hoje abriga o município de São Joaquim da Barra. Mas a construção dessa história e desse espaço, certamente, não se limita aí. Como procuramos evidenciar, há outros elementos construtivos dessa história e desse espaço e que estão ligados a diversas etnias indígenas.

Os relatos e pesquisas sobre essas populações e os remanescentes arqueológicos são poucos e de difícil acesso para levantamento de informações, sendo necessária maior exploração *in loco* sobre evidências arqueológicas e uma análise mais precisa. Porém, será possível traçar um caminho para se entender esse outro movimento de ocupação territorial.

Figura 8: Primeira capela em 1908, atual Praça 7 de Setembro. Fonte: <http://www.cronicassaojoaquimdabarra.com.br/index.php?pagina=mostra-cronicas&id=7#content>

VOCÊ SABE O QUE É PATRIMÔNIO?

VOCÊ PODE ESTAR SE PERGUNTANDO, MAS O QUE É PATRIMÔNIO?

É tudo o que nos é transmitido como uma herança. O Patrimônio Cultural remete a riqueza simbólica e tecnológica desenvolvida pelos grupos humanos que nos antecederam. Trata-se de um conjunto de conhecimentos e realizações de uma comunidade, acumulados ao longo de sua história, que conferem os traços de sua identidade. De acordo com a Constituição Federal, os patrimônios são os modos de expressão, formas de criar, criações científicas e tecnológicas, obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas ou culturais, além de conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA DE 1988).

No Brasil, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) é o órgão federal responsável por garantir a preservação do Patrimônio Cultural brasileiro. A dinâmica de preservação se dá por meio do tombamento de bens considerados importantes para a sociedade. “Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras (O IPHAN, 2020)”.

Patrimônio Cultural Material:

É tudo aquilo que é palpável e físico, tais como construções, cidades, sítios paisagísticos, arqueológicos, museus, documentos, acervos museológicos.

Patrimônio Cultural Imaterial:

Referem-se às práticas e situações da vida social, manifestadas em celebrações, saberes, formas de expressão artística, modos de fazer, e também nos lugares onde ocorrem as práticas culturais coletivas. Trata-se de um patrimônio transmitido de geração em geração, constantemente recriado pela comunidade e que gera um sentimento de identidade e continuidade.

Conhecendo alguns Patrimônios Culturais do município de São Joaquim da Barra

No município de São Joaquim da Barra não há registro de nenhum patrimônio cultural tombado pelo IPHAN. Todavia, existem algumas referências culturais importantes e de grande significado para a população local como as que seguem:

Capela e Igrejas – Foi em torno da 1ª. Capela inaugurada em 1904 que se formou o povoado de São Joaquim da Barra. Demolida tempos depois, deu lugar à Igreja Matriz de São Joaquim, padroeiro da cidade, que hoje já se encontra remodelada. Espaço privilegiado de exercício da religiosidade e da sociabilidade local.



Acima, da esquerda para a direita: Foto da primeira capela em 1908; ao lado, antiga igreja matriz em 1950
Ao lado: Prédio atual da igreja matriz da cidade.

Fonte: <http://www.cronicassaojoaquimdabarra.com.br/index.php?>

Fonte: <https://www.cgarcia.com.br/igreja-pagina=mostra-cronicas&id=7#content/matriz-de-sao-joaquim/>

Prédio da Estação Ferroviária e Casa do Chefe da Estação – Construído por ocasião da instalação da Estrada de Ferro Mogiana, o prédio da Estação da Estrada de Ferro teve importância fundamental na vida da cidade.

Abandonado após a paralisação dos trens de passageiros na década de 1980, recebeu ampla reforma e hoje funciona no local a Biblioteca Municipal - Estação do Saber.



Acima, da esquerda para a direita: Estação da EF Mogiana (1985); Estação EF Mogiana (Reformada); Casa do Chefe da Estação

Fontes: <http://www.cronicassaojoaquimdabarra.com.br/index.php?pagina=cronicas>

<https://www.revive.com.br/noticias/educacao/projeto-leva-leitura-a-pacientes-de-sao-joaquim-da-barra/>



Acima, em sentido horário: Praça 7 em dia desfile -1950; Casas antigas no entorno da praça; Chafariz da praça

Fontes: <https://www.ferias.tur.br/fotos/9654/sao-joaquim-da-barra-sp.html>

<http://www.cronicassaojoaquimdabarra.com.br/index.php?pagina=mostra-cronicas&id=11#conteudo>

Praça 7 de Setembro e casas antigas no seu entorno - Primeiro jardim de São Joaquim da Barra esta praça guarda importantes memórias dos seus habitantes. Palco de eventos culturais e políticos, ao longo do tempo sofreu várias remodelações. Lúcio de Oliveira Falleiros, sobre esta praça escreve: “Se fosse feito um filme mostrando os detalhes da praça sete, nos anos de 1906, 1927, 1935, 1950, 1965 e 2005, ele contaria, por certo, muito da evolução histórica de São Joaquim da Barra”. Hoje, com belo projeto paisagístico, coreto, iluminação moderna, chafariz. continua a ser espaço privilegiado de convivência e sociabilidade.

Parque dos Lagos - Localizado na entrada da cidade, o Parque dos Lagos é um importante espaço para a prática de esporte e lazer.



Acima, da esquerda para a direita: Parque dos Lagos Antônio Scarpellini

Fonte: <https://www.inspirock.com/brazil/sao-joaquim-da-barra/parque-dos-lagos-antonio-scarpellini-a3265110877>



Acima, da esquerda para a direita: Casa sede da Fazenda Perobas (frente e fundos)

Fonte: Acervo particular de Angela C. R, Caires, 2016

Sede da Fazenda Perobas - A Fazenda Perobas é uma fazenda do período cafeeiro. Com mais de um século de existência, preserva até hoje equipamentos usados no período como: tulha, máquina de beneficiamento de grãos, galpões, barracões, escola, casas de colonos, casa da administração e uma bela sede.

Banda Lira União e Trabalho e Casa onde aconteciam os ensaios da Banda - Criada em 1924, a banda “Lira União e Trabalho”, como destaca Lúcio Falleiros, “dá às noites de domingo, na praça 7 de setembro, um ar de magia e encantamento.”



Acima, da esquerda para a direita: Banda Lira (Antiga); Banda Lira (atual); Casa para ensaios da banda.

Fontes: cronicassaojoaquimdabarra.com.br/index.php?pagina=mostra-cronicas&id=45#content

<https://www.facebook.com/pg/corporacaolyra/posts/>



Festa da Soja - Em sua 51ª Edição, a Festa da Soja, que comemora a produção de grão, cultura introduzida na cidade nos anos 1950, é um evento anual que expõe máquinas agrícolas, produtos feitos à base de soja, e reúne artistas famosos em shows musicais, praça de alimentação, entre outros equipamentos. Atrai considerável público para o parque de exposições “Tancredo Neves”, trazendo alegria à população joaquinese.

Acima, da esquerda para a direita: Cartaz da festa; uma cena da festa da soja (público); Show musical

fontes: <https://visaoregional.com.br/2019/04/12/confira-as-atracoes-da-festa-da-soja-2019/>

http://www.novacidade.com/wnoticias/mostrar_noticia.php?id=6685

Procissão de São Cristóvão – São Cristóvão é considerado o padroeiro dos caminhoneiros. Diz a lenda que, em cumprimento a uma promessa feita em uma época em que não havia transportes nem pontes para a travessia de pedestres, o santo carregava os transeuntes de uma margem à outra de um rio muito perigoso.

Uma criança pediu-lhe que a atravessasse, ele colocou-a nos ombros e sentiu um peso fora do comum. Então disse: “Você pesa tanto que parece que estou carregando o mundo nos ombros”. A criança ouvindo respondeu: “Você está carregando o homem que fez o mundo”. Em São Joaquim da Barra, a procissão em homenagem ao santo acontece no mês de julho há 91 anos.



Acima, da esquerda para a direita: Uma das primeiras procissões de São Cristóvão (1952); Cena da Procissão de São Cristóvão
Fontes: <http://www.cronicassaojoaquimdabarra.com.br/index.php?pagina=mostra-cronicas&id=34>
https://www.youtube.com/watch?v=-_k6hxbhqyc

A ARQUEOLOGIA

Agora vamos falar um pouco de arqueologia e começamos procurando responder uma questão fundamental.

O QUE É ARQUEOLOGIA?

A Arqueologia é a ciência que se preocupa em entender a sociedade por meio de sua cultura material, ou seja, pelos objetos produzidos por diversos grupos sociais e que são encontrados em diferentes ambientes na atualidade. Para o arqueólogo ou para a arqueóloga o material descoberto traz informações sobre aqueles que habitavam a região antes de nós, sendo assim, a atividade da Arqueologia não está apenas voltada para os objetos que são encontrados no sítio arqueológico (local que apresenta vestígios de atividades humanas do passado), mas também para as relações que as pessoas estabelecem com estes objetos.



Figura 10: arqueólogo fazendo levantamento de informações a partir de cartografia em Santarém, Amazonas. Disponível em <<http://unespciencia.com.br>. acesso 15/09/2020



Figura 9: Pesquisadores fazendo levantamento de informações sobre o potencial arqueológico regional. Acervo Fundação Araporã

Como trabalha o arqueólogo ou a arqueóloga?

O arqueólogo ou a arqueóloga é o cientista responsável por interpretar os vestígios deixados pelas populações do passado e seu trabalho se divide em 3 etapas:

PRÉ-CAMPO: é o momento em que os arqueólogos buscam registros escritos e pesquisas realizadas sobre uma determinada região. Relatos orais da população local também contribuem com a pesquisa (figura 9).

CAMPO: as atividades de campo compreendem a “pesquisa” (busca pelos vestígios) e o resgate do material registrado a partir de escavações do solo onde são encontrados os objetos ou fragmentos destes.



Figura 11: levantamento arqueológico em campo. Acervo fundação Araporã

Figura 12: levantamento arqueológico em campo. Acervo fundação Araporã

Figura 13: fragmento cerâmico encontrado em levantamento arqueológico

Figura 14: trabalho de campo peneirando fragmentos. Acervo fundação Araporã

Figura 15: sítio arqueológico, acervo Fundação Araporã.

Figura 16: lâmina de machado encontrado em campo. Acervo Fundação Araporã

*trata-se de imagens ilustrativas não correspondem a área de Estudo.

PÓS-CAMPO: É nesta etapa que os pesquisadores vão cuidar do material encontrado (higienizar e definir um código de registro) para que possam ser analisados, a partir da curadoria do acervo. Os dados levantados e sistematizados a partir da análise do acervo arqueológico são transformados em conhecimento que devem chegar ao público por meio de ações educativas ou pela comunicação desenvolvida por museus.



Figura 17: triagem de materiais em laboratório. Acervo fundação Araporã.

Figura 18: higienização dos materiais em laboratório. Acervo fundação Araporã.

Figura 19: análise de materiais em laboratório. Acervo fundação Araporã.

Arqueologia Regional

Na Região de São Joaquim da Barra, SP há referência de achados arqueológicos desde a década de 1950. Essas informações foram produzidas pelo pesquisador José Anthero Pereira Júnior e estão publicadas na Revista do Instituto Histórico de São Paulo. Os achados Arqueológicos, de acordo com o pesquisador, foram encontrados nas bacias dos rios Pardos e Sapucaí. Principalmente, nos municípios de Franca, Guaiúra, Pedregulho, São José da Bela Vista, Ituverava e São Joaquim da Barra. Entre os objetos encontrados há ocorrência de machados “de âncora” (semilunares) o que pressupõem ocupação de povos ligados ao tronco linguístico Jê, assim existência de material cerâmico tido como Tupiguarani, ou seja, pelos achados podemos concluir que essa era uma grande área de passagem para diferentes povos indígenas (PEREIRA Jr., 1957, p. 315).

Importante dizer que houve várias outras pesquisas arqueológicas na região, contudo optou-se por evidenciar os achados de (PEREIRA Jr, 1957). Ao lado, imagem do Mapa da região onde foram encontrados os materiais Arqueológicos.



Figura 20: do mapa onde foram encontrados materiais arqueológicos na região de São Joaquim da Barra, SP. PEREIRA Jr, A. Contribuição para o estudo da arqueologia do extremo norte Paulista. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 54: 313-356, 1957.

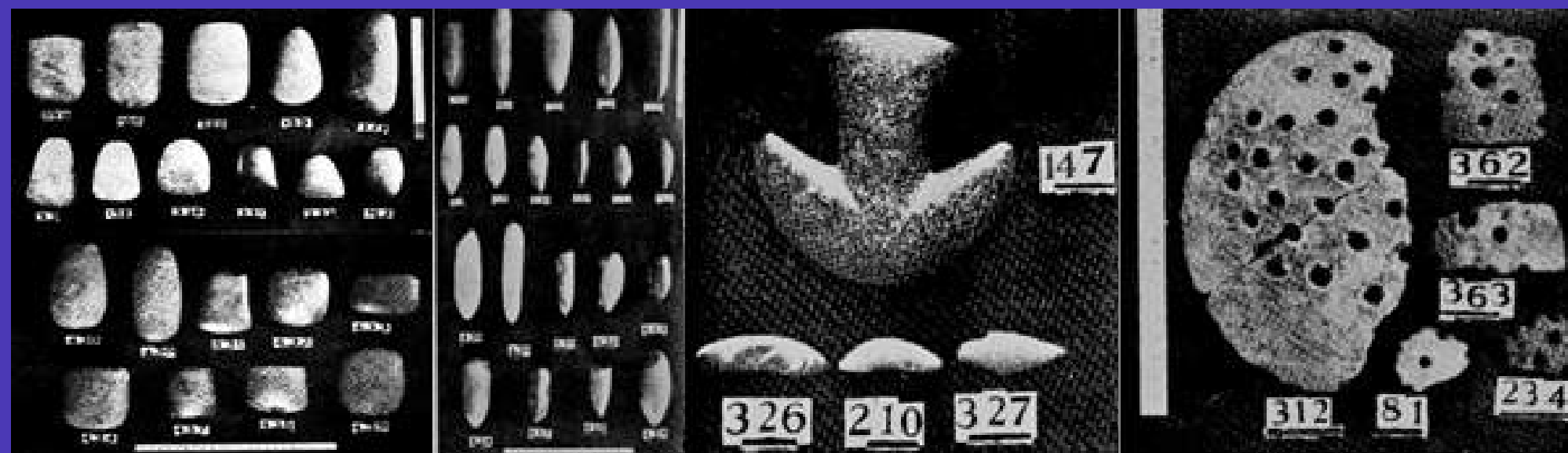
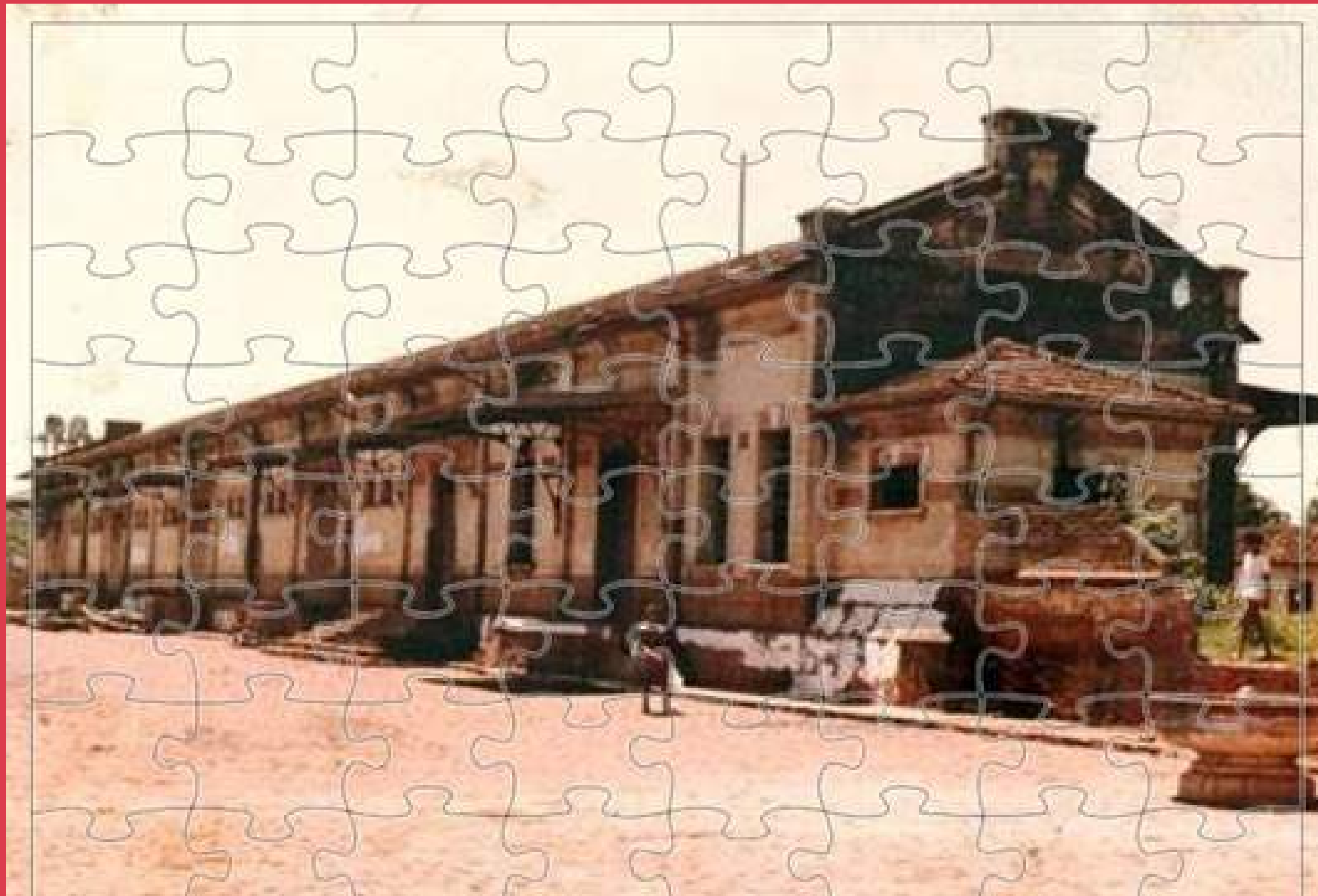


Figura 21: Mosaico de imagens de artefatos arqueológicos na região de São Joaquim da Barra, SP. Fonte: PEREIRA Jr, A. Contribuição para o estudo da arqueologia do extremo norte Paulista. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 54: 313-356, 1957.

**E AGORA, VAMOS BRINCAR UM POUCO?
QUE TAL MONTAR UM QUEBRA CABEÇA?**



**Estação
Ferroviária de
São Joaquim
da Barra/SP**

V A C A R P A V F E H C
R A W E E E G V H S A V
I M A T E R I A L A C F
M Z C O P A L G J O I Z
Y V J T A J G U V C M R
T Z C L T O Z M X R A H
W D N I R S L A H I R I
M I X C I A A T Z S E A
I T W U M D C E Q T C L
O P W J O A P R X O Y E
J L E L N T X I S V A P
K C G S I S S A G A G A
A O N B O E W L T O K C
R O X R P F P K T Q N E

SAOCRISTOVAO
CAPELA
PATRIMONIO
FESTADASOJA
IMATERIAL
CERAMICA
IPES
MATERIAL
PRACA

**CAÇA
PALAVRAS**
Eventos
Históricos de
São Joaquim
da Barra/SP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, M. A. B. V. História, Memória e História Oral. IN Jus Humanun Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul. SP. Vol 1, N. 2, jan/jun/2012
- ARÉVALO, M. C. da M. Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto. Universidade Federal de Ouro Preto. Disponível em: < file:///C:/Users/Windows/Downloads/MarciaDaMassena.pdf >. Acesso em: 22 set 2020.
- BEZERRA, M. Nossa herança Comum: considerações sobre a Educação Patrimonial na arqueologia Amazônica. Pereira, Edithe; Guapindaia Vera. (orgs.) Arqueologia Amazônica. Belém: museu paraense Emilio Goeldi, 2010. Vol., p. 1021-1037; disponível em DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v28i2.437>. Acesso 02/09/2019.
- BEZERRA, M. de A. O Australopiteco Corcunda. As crianças e a Arqueologia em um Projeto de Arqueologia Pública na Escola. TESE defendida, na Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia MAE/USP-SP: 180 p.2002.
- FREIRE, P. O Compromisso do profissional com a sociedade. In: _____. Educação e mudança. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FERNANDES, S. C. G. Estudo tecnotipológico da cultura material das populações pré-históricas do vale do Rio Turvo, Monte Alto, São Paulo e a Tradição Aratu-Sapucaí. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2001.
- GIESBRECHT, R. M. Estações Ferroviárias do Brasil. s/d. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/index.html>
- FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FUNARI, P. P; PIÑON, A. A temática indígena na escola: subsídios para os professores. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- HOLLOWAY, T. H. Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LIMA, L. P. de. A Arqueologia e os indígenas na escola: um estudo de caso em Londrina/PR. Tese (Doutorado em Arqueologia)–Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- GALHARDO, D. A. Revisitando obras: histórico das pesquisas arqueológicas na região nordeste do Estado de São Paulo. Revista Tópos - v. 4, N° 1, p. 32 – 59. 2010.
- Madroñal, A.C e LEON, E. H. As políticas patrimoniais da UNESCO na geopolítica de colonialidades globais e a Emergência de novos sentidos de interculturalidade do patrimônio na Andaluzia. Disponível em< DOI: <https://doi.org/10.5216/o.v16i1.37021> > acesso 01/09/2019
- O IPHAN. Disponível em:< <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872> >. Acesso em: 22 set 2020
- PAIVA, K. F. URBANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO: A produção do espaço urbano em pequenas cidades do eixo rodoferroviário da alta mogiana – triângulo mineiro. Dissertação 376 f. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). FAUUSP, SP, 2017
- PEREIRA Jr, A. Contribuição para o estudo da arqueologia do extremo norte Paulista. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 54: 313-356, 1957. ELLIS, M. As bandeiras na expansão geográfica do Brasil. In: História geral da civilização brasileira (Sérgio B. Holanda, org.). A época colonial. 1. Do descobrimento à expansão territorial, v.1: 273-296. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.